

Diogo de Paiva e Pona

**BIOGRAFIA DO PINTOR
ALBERTO CORRÊA DE LACERDA**



Cascais, Maio de 2012



Ex-libris e assinatura de Alberto de Lacerda¹

Alberto Virgílio da Rocha Portugal Corrêa de Lacerda nasceu no Forte de São Julião da Barra, em Oeiras, em 12 de Outubro de 1889. Era filho de Viriato Sertório Pinto Corrêa de Lacerda, Oficial do Exército em serviço naquele Forte, onde seu pai, José Joaquim Corrêa de Lacerda, também Oficial do Exército, era Comandante, e de D. Amélia Carolina Duarte da Rocha.

Tinha um irmão dois anos mais velho, Viriato Sertório da Rocha Portugal Corrêa de Lacerda, Tenente de Infantaria, nascido também no Forte de São Julião da Barra em 2 de Janeiro de 1887.

Em Janeiro de 1891, com um ano de idade, Alberto foi com seus pais e irmão para Goa, onde seu pai, com o posto de Tenente da Guarnição do Estado da Índia, foi Ajudante-de-Campo do Governador, General Francisco Maria da Cunha, que fora por seu turno Ajudante-de-Campo de El-Rei D. Carlos, Director do Colégio Militar, Presidente da Sociedade de Geografia, etc.

Finda esta comissão de serviço, que durou cerca de dois anos, o Tenente Viriato de Lacerda regressou a Lisboa com a família, mas D. Amélia Carolina ficara de tal forma apaixonada pela vida na Índia que insistiu com seu marido para que tentasse obter uma nova comissão.

¹ Ver no final as várias assinaturas que usou.



O retrato do pai do artista
desenhado por Alberto de Lacerda aos 10 anos de idade

Rumaram assim pouco depois de novo para a Índia, desta vez para Damão, onde o Tenente Corrêa de Lacerda foi ocupar o posto de Comandante da Polícia. Esta estadia seria no entanto de duração ainda mais curta que a primeira, pois Viriato viria a falecer em 6 de Junho de 1895, aos 33 anos, vítima de envenenamento.

Tinha Alberto 6 anos.

D. Amélia Carolina voltou então viúva e com os dois filhos para Portugal, via Gibraltar, onde desembarcaram, e Portalegre, onde residiam familiares de seu marido que a quiseram acompanhar na sua grande perda. Regressou finalmente a Lisboa, ficando instalada no Instituto Ultramarino, no antigo Convento das Flamengas, a Santo Amaro, em Alcântara², instituição reservada às viúvas e órfãos de oficiais.

Aqui passou Alberto a sua juventude.



O claustro do Convento das Flamengas

² Na antiga Rua de S. Joaquim ao Calvário, hoje Rua Primeiro de Maio.

Seu irmão entrou para o Colégio Militar, no Largo da Luz, e Alberto para o Liceu do Carmo, instalado no antigo Palácio do Conde de Valadares, no Largo do Carmo (mais tarde Liceu Garrett, depois Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em seguida Escola Veiga Beirão, hoje Escola Fernão Lopes).

Neste Liceu, em 3 de Fevereiro de 1905, com apenas 14 anos, Alberto de Lacerda notabilizou-se e foi notícia de primeira página do *Diário de Notícias* e dos demais jornais de Lisboa por ter desenhado de memória, a giz e borracha, no quadro negro da sala de Desenho, antes da chegada do professor, o retrato a meio corpo do poeta Guerra Junqueiro.



O retrato de Guerra Junqueiro desenhado de memória por Alberto de Lacerda aos 14 anos no quadro negro da aula de Desenho do Liceu do Carmo

O professor, ao entrar na sala de aula, ficou de tal maneira estupefacto com o que viu que mandou chamar o Director da Escola, Dr. Clemente Pinto, que felicitou merecidamente o jovem artista, a quem incitou a seguir a carreira das Belas Artes, para a qual estava manifestamente destinado.

O feito de Alberto de Lacerda depressa se espalhou por toda a escola e todos os outros professores, alunos e funcionários foram admirar a sua obra. A notícia alastrou-se de tal forma que os jornais em breve compareceram no local. Alberto, então, na presença do Reitor, do seu Professor de Desenho e de alguns representantes da Imprensa, desenhou no mesmo quadro, ao lado do retrato que antes fizera, outro do escritor Júlio Dantas, referindo a notícia então publicada a admiração dos presentes pela *maneira rápida e simples como ele desenha*.



O retrato de Alberto de Lacerda aos 14 anos de idade publicado no *Diário de Notícias* de 4.2.1905

Soube-se então que Alberto já várias vezes havia demonstrado grande talento para o desenho e a pintura e foi tornado público um retrato a *crayon* que fizera de seu pai aos 10 anos de idade. Foram também mostrados na altura vários trabalhos seus a óleo.

Creio dever salientar este comentário feito no artigo do *Diário de Notícias* a que acima aludo:

O distinto estudante mostra-se indiferente aos constantes elogios que lhe prodigalizam e essa indiferença é um atestado de modéstia que em regra adorna as grandes inteligências.

Não poderia vir a revelar-se mais verdadeiro este comentário. Alberto de Lacerda viria a manifestar ao longo da sua vida um enorme talento, quer como pintor e retratista, quer como poeta e pedagogo, e uma inteligência e humor acutilantes, mas manteve sempre uma humildade e uma modéstia admiráveis.

Findos os estudos liceais, e fazendo jus à sua vocação, entrou para a Escola de Belas Artes de Lisboa, onde foi discípulo de Carlos Reis. Foi seu condiscípulo o pintor Carlos Bonvalot (1893-1934), que viria a ser Conservador do Museu Castro Guimarães em Cascais e seu grande amigo. No entanto, ao contrário deste, que viria a concluir a sua formação artística em Paris e Roma, Alberto não aperfeiçoou o seu talento no estrangeiro para não abandonar sua mãe, que perdera entretanto o seu outro filho, morto heroicamente em combate durante a Grande Guerra na Serra M'Kula, no Niassa, em Moçambique, em 8 de Dezembro de 1917.



Retrato de Viriato Correia de Lacerda



Alberto de Lacerda em 1911



A morte de Adonis,
uma das provas académicas de Alberto de Lacerda

Durante o seu curso na Escola de Belas Artes foi galardoado com uma medalha de bronze no ano lectivo de 1908-09, no 2º ano do Curso Geral de Desenho, e, nos *Jogos Florais Académicos* de Junho de 1913, recebeu o 1º prémio de Pintura a Óleo e o 2º prémio de Desenho à Pena.



Alberto de Lacerda participou posteriormente e ganhou vários prémios em exposições da Sociedade de Belas Artes. Do catálogo da 11ª exposição anual (em 1914), por exemplo, ao lado de obras de grandes nomes da pintura portuguesa, como Malhoa, João Vaz, Milly Possoz, Dórdio Gomes, Veloso Salgado e outros, constam, com os nºs 173 a 182, as telas a óleo de Alberto de Lacerda intituladas *Cabra-Cega*, *Santa Clara-a-Velha (Coimbra)*, *Na praia*, *Ao cair da tarde*, *Marinha*, *Mancha* (duas telas), *A porta da água (Alfeite)*, *Cabeça* e *Viúva*.



Na Praia das Maçãs



Santa Clara-a-Velha

Na exposição de 1915 expôs, com os nºs 119 a 123, as telas a óleo *O Espólio*, *Talhando o Ferro*, *Apontamentos*, *Cabeça* e *S. Pedro de Campanhã*, com o nº 435 o retrato a pastel de Carlos Bonvalot e com o nº 546 uma sanguínea intitulada também *A Cabeça*.



Cabeça

Concluída a formação em Belas Artes, iniciou a sua carreira profissional como professor no Liceu Central Sá da Bandeira de Santarém, em 1915-16. Seguiram-se alguns meses como professor substituto na Escola Machado de Castro, em Lisboa, e, a partir de Outubro de 1917, no Liceu Central de Almeida Garrett, onde Alberto havia feito os seus estudos liceais. Para este liceu, onde se manteve até ao fim do ano lectivo de 1922, pintou um retrato do escritor Almeida Garrett.

Durante estes anos que permaneceu em Lisboa, Alberto de Lacerda arrendou um atelier na Av. Casal Ribeiro, no qual produzia a sua obra artística, e continuou a participar nas exposições anuais da SNBA. Datam desta altura as primeiras vendas de que temos notícia: em 1.12.1919, os quadros n.ºs 79 e 84 de exposição da SNBA desse ano, por 95\$00; em 30.1.1921, o quadro n.º 45 da exposição de 15 a 30/1, intitulado *Seda Amarela*, por 150\$00; e em 9.5.1922 o quadro n.º 62 da 19.ª exposição da SNBA por 200\$00.

No ano lectivo de 1922-23 leccionou no Liceu Passos Manuel e regressou à Escola Machado de Castro em Outubro de 1923, onde se manteve até ao final do ano lectivo de 1925.

Em Agosto de 1925 foi nomeado professor efectivo e colocado na Escola Industrial Josefa de Óbidos, em Peniche, escola especializada no ensino de rendas e de frequência exclusivamente feminina.



À beira mar

De Outubro a Dezembro desse mesmo ano teve uma breve passagem pelo gabinete do Ministro do Comércio e Comunicações, Nuno Simões, no efémero governo de Domingos Leite Pereira.

Entretanto, em 1917, sua cunhada e sobrinhas foram viver para a Figueira da Foz, acompanhando um tio que ali fundou uma sociedade de construção naval.

Numa visita à família, Alberto gostou tanto da Figueira da Foz que para ali se passou a deslocar frequentemente.

O referido tio de sua cunhada, para além dos estaleiros navais, adquiriu também na Figueira o *Teatro Parque-Cine*, onde representaram em *tournee* as principais companhias teatrais de Lisboa e onde se projectaram os primeiros filmes.

Alberto colaborou muito nas actividades deste cine-teatro, pintando cenários, desenhando adereços e figurinos e escrevendo versos.

Uma notícia da Figueira de 1921 refere:

Teatro do Parque-Cine - Têm prosseguido activamente as obras do palco daquele grande teatro, cujo cenário está sendo pintado pelo distinto artista da capital, sr. Alberto Correia de Lacerda, que foi discípulo do mestre Carlos Reis, e cujo talento se tem afirmado em muitas obras de valor.

A família de Alberto regressou entretanto a Lisboa no início dos anos 20, mas Alberto afeiçoara-se de tal forma à Figueira da Foz que pediu a sua transferência para a *Escola Industrial e Comercial Bernardino Machado*, inicialmente instalada no andar superior da Câmara Municipal. Ali foi professor de Desenho e director e na Figueira se manteve de Novembro de 1925 a Abril de 1929.

Durante esse período participou na *V Exposição das Caldas da Rainha* de Agosto de 1927, onde ganhou a Medalha de Ouro de Pintura a Óleo.

Em Abril de 1929 regressou a Lisboa, sendo colocado na Escola Afonso Domingues, em Marvila, até ao fim do ano lectivo de 1930.

Seguiu-se a Escola Fonseca Benevides (depois António Arroio), na R. Almirante Barroso, de 1930 a 1934.

Durante esta nova estadia em Lisboa, Alberto de Lacerda voltou a arrendar o seu antigo atelier da Av. Casal Ribeiro.



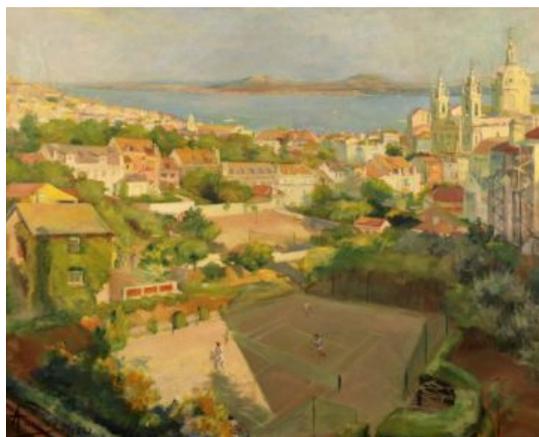
Atelier com busto

Em 1932 foi vice-presidente da Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Em Dezembro de 1934 regressou uma vez mais à Escola Machado de Castro, sendo nomeado Professor Metodólogo de Desenho e Pintura das Escolas Técnicas Industriais. Nesta qualidade, e no seguimento da reforma educativa de 1930-31, fundou a escola técnica de Castelo Branco, vocacionada para os bordados característicos daquela cidade, e, em 1947, a Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, no Barreiro, que foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário do concelho, aberto para fazer face às necessidades de mão-de-obra qualificada, nomeadamente da *Companhia União Fabril* (CUF), então em pleno desenvolvimento.



A hora do recreio na Escola Machado de Castro



Lisboa vista da Escola Machado de Castro

Alberto de Lacerda pintou sempre ao longo de toda a sua vida, apesar das suas inúmeras responsabilidades docentes, e foi frequentador das *tertúlias* intelectuais de Lisboa do seu tempo, nomeadamente as do *Café Nicola* e do *Café do Gelo*, este hoje desaparecido.

Em 17 de Junho de 1928 organizou no *Restaurante Leão d'Ouro* um almoço de homenagem a José Malhoa, que contou com a presença de 31 artistas da época.

A obra de Alberto de Lacerda integra-se claramente no movimento realista e denota *uma observação minuciosa* e um *realismo implacável*, como afirma Fernando de Pamplona³.

Foi do seu especial agrado a temática do Retrato, mas trabalhou igualmente outras áreas, como a paisagem, a pintura de género e a pintura de História, realizando, nas palavras de Nuno Saldanha, *notáveis exemplares [...] representativos da brilhante técnica que o pintor consegue atingir em várias ocasiões*⁴.

³ *Um Século de Pintura e Escultura em Portugal (1830-1930)*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1943, p. 299.

⁴ O Prof. Dr. Nuno Saldanha visitou e apreciou o espólio do artista em Fevereiro de 2012.



O julgamento de Páris



Alunas Marina e Ângela

Dado o seu carácter discreto, reservado e individualista, Alberto de Lacerda nunca quis no entanto dar grande divulgação ao seu trabalho. Quis sempre preservar a sua independência artística e, embora tenha vendido alguns quadros, mais foram os que ofereceu a amigos e outras pessoas que respeitava e admirava.

Orsini de Miranda, num artigo⁵ sobre a têmpera *O Quimono*, pintada em 1956, que Alberto de Lacerda ofereceu à *Sociedade de Instrução Tavadense* para ser sorteada a favor das obras de remodelação e ampliação da sede daquela colectividade, refere-se ao pintor de forma elogiosa, considerando-o *grande na arte e grande na modéstia, artista que nunca fez parte de sociedades de elogio mútuo e que, tendo assistido a todas as tentativas e inovações, desde o Pré-Rafaelismo ao Zoloaguismo, ao Impressionismo, ao Picassismo, até ao Moderno Abstracionismo, não se deixou influenciar por Escolas, Processos ou... Abstrações! Alberto de Lacerda – prossegue Orsini de Miranda – é somente Alberto de Lacerda, e nisso está o seu maior valor.*

⁵ *Notícias da Figueira* de 6.9.1958.



O Quimono (1956)

Para além das exposições da Sociedade de Belas Artes a que já acima nos referimos, Alberto de Lacerda participou noutras exposições colectivas com outros artistas seus contemporâneos, nomeadamente na célebre exposição universal Panamá-Pacífico, em São Francisco, Califórnia, EUA, em Julho de 1915, e nas exposições da *Alma Nova* em 1917.

Temos notícia por um artigo da *Ilustração Portuguesa*⁶ de que em Janeiro de 1922 expôs alguns retratos, juntamente com Leopoldo de Almeida, Adriano Costa, Joaquim Costa, Albertino Guimarães, Fernando dos Santos e Alberto Sousa. O artigo não refere no entanto o local da exposição.

O jornal *Artes Plásticas*, num artigo intitulado *NOTAS sobre a XLVIII exposição anual na Sociedade Nacional de Belas Artes* (realizada em 1951), assinado L. de B, refere:

Saúdo a reaparição do pintor Alberto de Lacerda, estrangulado no professorado oficial e que fez agora o retrato do querido artista que é o escultor Júlio Vaz. Não perdeu nem a técnica nem as suas qualidades de pintor sério.

Alberto de Lacerda é referido nas obras de Fernando de Pamplona *Um século de pintura e escultura em Portugal (1830-1930)*⁷ e *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*⁸.

⁶ Segunda série, 1º semestre de 1922, p. 89. A *Ilustração Portuguesa* era uma revista semanal do jornal *O Século*.

⁷ Porto, Livraria Tavares Martins, 1943.

⁸ Lisboa, Oficina Gráfica, 1955.

No Museu Malhoa das Caldas da Rainha encontra-se o seu quadro *A Cabra Cega*, que foi escolhido pelo próprio Malhoa. Esta obra figurou recentemente na exposição *O Museu José Malhoa - As Caldas e a República*, no âmbito do Centenário da República 1910-2010, em cujo catálogo figura⁹.



A Cabra-Cega (1914)

Na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa existem dois magníficos retratos a óleo de antigos reitores da Universidade, os Professores Doutores José Caeiro da Mata e José Gabriel Pinto Coelho¹⁰.



Retrato do Prof. José Caeiro da Mata (1957)

⁹ Agradeço esta informação à directora do Museu Malhoa, Dra. Matilde Tomaz do Couto.

¹⁰ Os dois quadros foram executados em 1957 por encomenda do Ministério das Obras Públicas para as novas instalações da Faculdade de Direito na Cidade Universitária. Recebeu por este trabalho 30.000\$00.

Na Sala dos Professores da Escola Maria Amália Vaz de Carvalho, de Lisboa, existe o retrato do escritor Almeida Garrett a que já acima nos referimos, pintado quando Alberto de Lacerda ali era professor e a escola se chamava então *Liceu Garrett*.



Retrato de Almeida Garrett existente no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho (1918)

Na *Sociedade Martins Sarmiento*, em Guimarães, existe um óleo de 1937 intitulado *Caminho de Colares*, oferecido por Alberto de Lacerda àquela instituição em Julho de 1947 por intermédio do seu amigo Abel Cardoso.



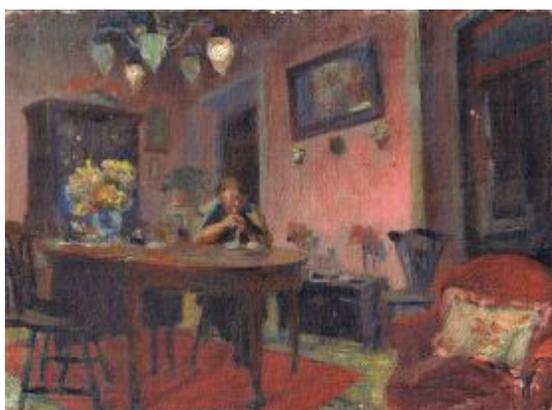
Caminho de Colares

Em 1931, aos 42 anos de idade, Alberto de Lacerda casou com uma sua amiga de infância e ex-colega da Escola de Belas Artes, Mariana da Anunciação Leoni Pereira, de uma família do Cartaxo, que fora durante alguns anos professora da Escola Primária João de Deus. Dela se viria no entanto a divorciar oito anos mais tarde, sem geração.



Retrato de Mariana Leoni doente

Viveu nessa altura em Carnide, primeiro na *Vila Rosa*, na Travessa do Pregoeiro, depois no andar térreo de uma casa solarenga da Rua do Norte.



dois aspectos da casa de Carnide em telas suas

Mudou-se mais tarde para Campo de Ourique, para o 1º andar do nº 71 da Rua Sampaio Bruno, então com uma vista totalmente aberta sobre as encostas da Serra de Monsanto, ainda não arborizada nessa época.



O viaduto Duarte Pacheco em construção.
Note-se a serra de Monsanto ainda não arborizada.

Em 1936, durante a Guerra Civil de Espanha, a pedido de um adido militar da Embaixada de Espanha em Lisboa, Alberto de Lacerda executou a monumental obra *O Passeio das Monjas*, que constitui uma das raras representações iconográficas por um pintor português de um acontecimento histórico estrangeiro contemporâneo.



O Passeio das Monjas (1936)

Em 1915 Alberto de Lacerda ilustrou a obra de seu tio o Tenente-Coronel Francisco Sá Chaves *No tempo dos franceses*, editada em Lisboa pela Tipografia Universal.

Em 1944 ilustrou o livro *Contes de Portugal*, da escritora belga radicada em Portugal Anne Sylvie Lefèvre, publicado em Lisboa pela Imp. Lucas & Cia.

Em 1957 Alberto de Lacerda foi agraciado com a Ordem da Instrução Pública, no grau de Oficial.

Enquanto viveu na Figueira da Foz, Alberto de Lacerda apaixonou-se pela vizinha localidade de Tavadere, cuja agremiação cultural, a *Sociedade de Instrução Tavadense*, dirigida pelo seu grande amigo José da Silva Ribeiro, era extremamente rica em actividades e programas de animação. Nesta sociedade recreativa, Alberto de Lacerda viria a ter uma colaboração extremamente profícua. Escreveu várias peças de teatro, a primeira das quais, *A Cigarra e a Formiga*, foi levada à cena em 1929, e são também de salientar a opereta *Grão-Ducado de Tavadere*, o *Sonho do Cavador* e muitas outras peças que ali se representaram com grande popularidade.

Em Tavadere, Alberto de Lacerda viria a construir em 1960 uma casa, da autoria do Arq. Norte Júnior, para onde se retirou após a sua aposentação.



A casa do pintor em Tavarede

Tinha esta casa uma ampla vista panorâmica e uma sua sobrinha, a Dra. D. Margarida de Paiva e Pona Corrêa de Lacerda, comentou-lhe uma vez ser aquela a melhor vista de Tavarede. Retorquiu Alberto que não, que a melhor vista de Tavarede era a do cemitério, onde esperava vir a repousar um dia.

E para ali foi conduzido o seu corpo após a sua morte, ocorrida em Cascais, em 10.1.1975.



Retrato da sobrinha

Prof. Dra. D. Margarida de Paiva e Pona Corrêa de Lacerda (1952)

Na sua casa de Tavarede continuou a pintar, sendo de assinalar, por exemplo, um painel decorativo com a figura de Nuno Álvares Pereira, pintado em 1965, que esteve exposto durante alguns dias na Câmara Municipal da Figueira da Foz e que ofereceu a uma das filhas do Arq. Norte Júnior.



Alberto de Lacerda em 1965 junto a um quadro representando D. Nuno Álvares Pereira

Em Dezembro de 1963, a referida *Sociedade de Instrução Tavadense*, de que Alberto de Lacerda era sócio honorário desde 1929, organizou-lhe uma sessão de homenagem, durante a qual foi salientado *o apaixonado carinho que o ilustre professor começou a dedicar a Tavadede, desde que veio dirigir a Escola Industrial e Comercial da Figueira da Foz, na qual instituiu a primeira oficina de trabalhos manuais.*

Quando faleceu, encontrava-se a trabalhar no quadro *O Ensaio do Coro* que, embora inacabado, foi oferecido àquela Colectividade, em cujo Salão Nobre se encontra.



O Ensaio do Coro

Após a sua morte, sua sobrinha Margarida já referida constituiu na casa de Alberto de Lacerda em Tavadede um pequeno museu, em homenagem a seu tio. Ao fundo do seu *atelier*, entre o seu auto-retrato, que encimava a lareira, encontravam-se dispostas duas grandes telas representativas de dois períodos significativos da sua vida: a *Manhã de Bruma*, pintada em 1927 do alto da Câmara da Figueira da Foz, cidade que nele exerceu uma grande influência; e *Adeus à Quinta*, o primeiro quadro que pintou depois de reformado, em Tavadede. Alude o título deste quadro à iminente demolição da Quinta do Paço, que se avistava das janelas do seu *atelier*, e que estava destinada a ser urbanizada. O Paço de Tavadede acabaria no entanto por

não ser demolido, já que a Câmara Municipal da Figueira da Foz o adquiriu em 1981, salvando *in extremis* o pouco que restava do palácio seiscentista dos Senhores de Tavarede, mais tarde Morgados e Condes do mesmo nome.



Manhã de Bruma



Adeus à Quinta

A casa de Alberto de Lacerda não pôde no entanto ser salva dos repetidos assaltos e vandalismos a que foi sujeita, o que viria a motivar a sua venda nos anos 1980.

Em 2012, a referida sobrinha de Alberto de Lacerda, Prof. Dra. D. Margarida de Paiva e Pona Correia de Lacerda, deixou em legado à Câmara da Figueira da Foz dez obras do pintor, a que foram acrescentadas outras dez, as quais foram entregues àquela edilidade em Setembro de 2014.

No primeiro trimestre de 2015, o Museu Municipal Santos Rocha da Figueira da Foz organizou uma exposição com estas e outras obras do pintor.



* * * * *

Várias assinaturas de Alberto de Lacerda em trabalhos seus

